



## “De Carne e Osso”: Um Estudo de Recepção com os Trabalhadores dos Frigoríficos <sup>1</sup>

Mirian CRUZ<sup>2</sup>

Ilka GOLDSCHMIDT<sup>3</sup>

Mariangela TORRESCASANA<sup>4</sup>

Universidade Comunitária Regional de Chapecó - Unochapecó

### RESUMO

O presente artigo é o resultado parcial de um estudo de recepção do documentário “Carne e Osso” com trabalhadores de agroindústrias e moradores do Bairro Efapi, no município de Chapecó. Este estudo procura compreender como se dá a experiência fílmica de sujeitos que vivem a realidade tratada no documentário, personagens que não estão no documentário, mas vivenciaram o cotidiano de trabalho nos frigoríficos. Partindo do pressuposto de que o documentário pode ser um instrumento de mobilização social assumindo assim um papel de mídia cidadã, esta pesquisa se propõe a discutir junto aos sujeitos tais conceitos. Através de entrevistas individuais e recepção coletiva a pesquisa objetiva refletir sobre as relações, comparações e aproximação pessoal de cada trabalhador com a realidade retratada no filme.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário; estudo de recepção; Mídia Cidadã; trabalhadores de frigoríficos

### 1 INTRODUÇÃO

Estudar recepção implica em preocupar-se com a maneira como o receptor irá se portar diante de um fato. Esta pesquisa pretende contribuir para a construção de um conceito de mídia cidadã através de um estudo de recepção. Noutro viés, também importante, procura entender o documentário como objeto de estudo para a construção desse conceito, levando em consideração o sujeito da pesquisa – que é o receptor.

A pesquisa partiu da premissa de que a mídia cidadã é aquela que oportuniza as pessoas refletir e consequentemente agir de forma consciente e autônoma na sociedade em que estão inseridos. Ela também pode atuar como ferramenta na produção de sentido de determinada realidade, possibilitando ao cidadão comum atuar como sujeito de sua

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria I modalidade Jornalismo

<sup>2</sup> Acadêmica de Jornalismo da UNOCHAPECÓ; Bolsista do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã; e-mail: mirianacruz@unochapeco.edu.br

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo; Professora do Curso de Comunicação Social da UNOCHAPECÓ; Coordenadora do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã; e-mail: ilkamg@gmail.com

<sup>4</sup> Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal de Santa Maria; Professora do Curso de Jornalismo da UNOCHAPECÓ; Pesquisadora do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã; e-mail: mariangela@unochapeco.edu.br



história, ou como elemento que desencadeia a identificação, reflexão crítica sobre alguma particularidade de seu cotidiano. Na lógica da mídia cidadã, o documentário pode ser um instrumento para abordar, contar e questionar a realidade tanto da perspectiva da produção quanto da recepção.

Nesta percepção a proposta da pesquisa foi clara: utilizar um documentário como ferramenta para discussão de uma realidade em comum entre os sujeitos. Tais discussões foram em torno das condições de trabalho a que são submetidos os funcionários das agroindústrias no Brasil. O estudo de recepção com trabalhadores de agroindústrias foi conduzido a partir de mapeamento de grupo focal, entrevistas individuais e classificação de perfis dos sujeitos, os mesmos participaram de cine-fórum onde foi exibido o documentário “Carne e Osso”. O espaço para debate contribuiu para que os trabalhadores pudessem expor suas experiências partindo da aproximação ou não, com os personagens e situações apresentadas no filme. Para a compreensão de como se deu a experiência de produção e proposta da temática do filme, foi realizada uma entrevista com um dos diretores do documentário “Carne e Osso”, Caio Cavechini.

O gênero documentário, ao abordar temas polêmicos, ao denunciar, ao transformar em personagens e roteiros vidas reais, extrapola o imaginário e desvela a realidade. Mas, os atores da vida real se enxergam sujeitos na tela do documentário? Estudar as experiências fílmicas dos personagens que se supõem revelados pelo filme, deve contribuir muito para os avanços em determinadas suposições ainda calcadas no senso comum. Pesquisadores como Vanessa Zandonade e Maria Cristina Fagundes (2003) defendem que o vídeo documentário pode ser um instrumento capaz de impulsionar a participação conjunta dos membros da comunidade em busca de melhorias. Para as autoras, o documentário representa um meio de comunicação pelo qual os indivíduos podem retratar a sua realidade, mobilizar as pessoas do meio em que vivem e, a partir daí, construir novos conceitos e interpretações do mundo.

O estudioso Hélio Godoy defende que o documentário pode aparecer com um elemento de semiose ilimitada entre homem e realidade. “Os sistemas audiovisuais, tecnologias e linguagem à disposição do fazer documentário devem ser consideradas como extensões perceptivas e cognitivas do ser humano” (GODOY, p.17, 2001). O cinema pressupõe uma experiência subjetiva. Segundo Godard, “nem arte, nem técnica, um mistério”(GODARD, 1998, p.182). Para a professora Gutfreind (2006) essa ideia de Godard carrega um duplo sentido, o da arte-técnica, ou seja, o cinema transcenderia a



noção de arte a partir do fato de sacralizar o gesto do homem, dando ênfase à ideia de comunidade humana e transcenderia também a noção da técnica como maneira específica de dar instrumentos ao sensível. Seria aí, portanto, que reside o “mistério” do cinema no sentido que prescinde de imagens animadas e da sensibilidade do pensamento humano.

### **O documentário Carne e Osso**

Produzido pela ONG Repórter Brasil, com direção de Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros e pesquisa de André Campos e Carlos Juliano Barros, o documentário “Carne e Osso” tem duração de 65 minutos. Durante dois anos a equipe de produção percorreu cidades das regiões centro-oeste, sudeste e sul, incluindo o município de Chapecó, a procura de histórias e relatos de vida que pudessem ilustrar como é o cotidiano de trabalho nos frigoríficos de aves, suínos e bovinos. Segundo um dos diretores do filme, Caio Cavechini, os dados que realmente chamam atenção são de uma pesquisa com base em dados sociais do Ministério da Previdência Social que provam que quem trabalha em frigorífico está exposto a mais riscos do que a média de todos os outros segmentos, mas segundo ele, mais que os dados, o que impressiona são as histórias de vida, os transtornos psicológicos.

O documentário “Carne e Osso” foi lançado em 2011, tendo sido selecionado em vários festivais, entre eles o festival “É tudo verdade” que o projetou nacionalmente e internacionalmente. A duração é de 65 minutos e a abordagem privilegia depoimentos e imagens, algumas vezes bem impactantes. Falam funcionários, ex-funcionários, terapeutas, fiscais, representantes do Ministério do Trabalho. De acordo com os dados pesquisados para a produção do filme, o setor de carnes emprega hoje no Brasil 750 mil trabalhadores e representa o terceiro item da balança de exportação do agronegócio brasileiro, só fica atrás da soja e do açúcar/etanol.

No documentário chama a atenção o depoimento da terapeuta ocupacional do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) de Chapecó, Juliana Varandas, denunciando que cerca de 80% do público atendido na região são trabalhadores de frigoríficos. Segundo ela, o trabalhador adoce, é encaminhado para o INSS e não consegue retornar, pois, as empresas acabam contratando outras pessoas. Levando em consideração que a cidade de Chapecó é conhecida por ser a Capital da Agroindústria e que já ultrapassa a casa dos 183 mil habitantes, conforme o último senso do IBGE de 2010, consequentemente as empresas que mais empregam são os frigoríficos.



No contexto de um filme como esse que tanto interessa à comunidade chapecoense, formada por uma parcela significativa de trabalhadores ligados diretamente aos frigoríficos de frango, peru e de suínos, está um dos principais segmentos econômicos do país. Para a região oeste de Santa Catarina, especificamente Chapecó, um negócio que gera uma cadeia produtiva responsável por grande parte da arrecadação de impostos e movimentação financeira. Conforme Cavechini o processo para a produção do documentário partiu de uma proposta dos próprios fiscais do trabalho, tendo em vista que a Ong Repórter Brasil tem como prioridade realizar trabalhos jornalísticos numa perspectiva social.

A ideia do “Carne e Osso” não foi uma ideia minha, nem da Repórter Brasil. Na verdade, foi uma inquietação de alguns procuradores do trabalho, fiscais do trabalho, de alguns locais no Brasil que viram a necessidade de mostrar isso. Um procurador do trabalho, nos procurou cheio de processos relacionados a frigoríficos, então foram eles que chegaram à gente com a necessidade de trazer um ambiente que está restrito a Justiça do Trabalho e a Fiscalização do Trabalho da sociedade. (Caio Cavechini em entrevista à pesquisadora no dia 01 de março)

Partindo da denúncia de fiscais do trabalho, Caio comenta que como documentarista teve início o principal desafio: mostrar um setor produtivo que a todo tempo provoca a doença de seus trabalhadores, mostrar essa realidade não para um público restrito, como da área da saúde ou jurídica, e sim para a sociedade como um todo, para o próprio consumidor desse produto final: a carne e seus derivados. O diretor pretendia literalmente mostrar esse trabalho, não faria o documentário sem mostrar imagens desse trabalho. Para ele, não há como se falar de um problema sem mostrá-lo, sem ter imagens dessa atividade que adocece trabalhadores e que os submete a condições precárias de trabalho.

Quando você se concentra num documentário você pensa “dá pra fazer diferente, dá pra fazer ficar bom? Ou vai ser um documentário entre aspas, de ONG?” que é só você ficar com uma visão maniqueísta do mundo e falando que todo o empresário é malvado que todo o trabalhador é coitadinho? Você tem que comprovar isso com histórias humanas. Não adianta você ficar na ideologia ou no discurso político da ONG. O documentário precisa superar as barreiras de público e chegar a outras pessoas que talvez não assistiriam esse documentário, ou não entram num site de direito do trabalho, não entram num site de exploração do trabalhador, enfim, tinha esse desafio grande. (Caio Cavechini em entrevista à pesquisadora no dia 01 de março)



Caio relata que para a captação das imagens para o documentário foi preciso contar com a participação de várias pessoas, alguns até mesmo trabalhadores dos próprios frigoríficos. Para ele, esse foi o ponto fundamental, essa relação de confiança entre os diretores do documentário e os trabalhadores que indignados gostariam de tornar pública suas atividades de trabalho. Foram dois anos de contato com trabalhadores de dentro das fábricas, de contato com advogados trabalhistas e uma das estratégias para conseguir imagens desse trabalho foram as fiscalizações. Um grupo de cinco pessoas da Ong percorreu os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, e o Distrito Federal contatando a fiscalização local, a fim de utilizar destas fiscalizações para entrar junto gravar essas imagens.

A gente nunca chegou, por favor a gente quer fazer um documentário, por favor nos deixe gravar. Muitos casos a gente entrou junto com os fiscais do trabalho. Em nenhum momento a gente chegou a mentir a nossa identidade ou omitir. Simplesmente a gente entrava junto os fiscais. O fiscal do trabalho ele tem essa permissão legal para entrar em qualquer ambiente e ele não precisa pedir uma autorização judicial. Então a gente se valia desse contato já que é antigo. (Caio Cavechini em entrevista à pesquisadora no dia 01 de março)

As histórias retratadas no documentário são de trabalhadores que sofreram pressões psicológicas e fisiológicas. E isso reflete diretamente na saúde de cada um deles, se levado em conta as condições a que cada personagem foi submetido em seu ambiente de trabalho. Personagens que trabalharam por anos em uma mesma atividade, com movimentos repetitivos, tendo que cumprir metas e ser a todo o tempo pressionado. Em entrevista, Caio revela que nenhum perfil de personagem foi traçado, eles foram surgindo ao longo da pesquisa para o documentário. Entretanto, o principal objetivo era mostrar trabalhadores que estavam com sérios problemas de saúde, entre eles a invalidez.

Todos os personagens apresentados no documentário estão aposentados por invalidez pelo INSS. Cavechini ressalta que a cada 10 personagens gravados para o documentário, apenas um ou dois foram utilizados. Um dos principais motivos era o vínculo empregatício de alguns trabalhadores com as agroindústrias, levando em



consideração que muitos dos casos retratados tinham amigos, filhos, esposas (os) que trabalhavam daí surgia o medo de revelar quaisquer informações sobre esse trabalho.

Nós mapeamos onde tem uma situação interessante, vai lá conversa com uma pessoa, mas depois quando você chega pra gravar também tem outra relação de confiança que você tem que construir. Algumas pessoas tinham parentes e empregados em frigoríficos, não queriam mostrar rosto, a gente usou muitos depoimentos em “OFF”, que a gente queria mostrar que era muita gente falando, muitas vozes diferentes, a gente pedia pra gravar entrevista mesmo que não fosse mostrar o rosto, só pra mostrar a voz. (Caio Cavechini em entrevista à pesquisadora no dia 01 de março)

No processo de produção filmica, bem como depois de tudo produzido e documentado, o diretor também revela algumas dificuldades enfrentadas. Uma delas foi o próprio recurso financeiro, se levado em conta o tempo de pesquisa para uma produção desse gênero, segundo Caio foram dois anos de visitas aos estados, isso demanda tempo e dinheiro. Depois foi a dificuldade de fazer com que as pessoas conhecessem o documentário, partindo do pressuposto que o documentário é um instrumento de mobilização, ele deveria chegar à população de alguma forma. Para isso Caio disse ter entregado várias cópias do filme para sindicatos, para juízes, inscrito o documentário em festivais nacionais, internacionais a fim de promover a discussão das cenas, bem como dos personagens e os problemas por eles enfrentados. “Tentar fazer com que o documentário não morra”, esse é o intuito de Caio como diretor do “Carne e Osso”.

Produzir um documentário e fazer com que a proposta seja alcançada, transmitir ao público tudo o que se pensou desde o roteiro até as gravações de imagens é uma das tarefas mais difíceis – se levado em consideração que cada indivíduo tem a sua bagagem e receberá ou atribuirá a narrativa audiovisual a seu cotidiano de modos diferentes. Para Cavechini a recepção do filme depende da hora, local, quem e aonde você irá assistir esse documentário.

A proposta do filme, segundo ele, foi passada, que era justamente exhibir um problema até então restrito a nichos da sociedade e expor ele para a sociedade.

A proposta eu acho que foi passada. O passar é sempre uma coisa muito relativa, individual e depende do dia em que você me perguntar isso também. Tem vários tipos de recepção possíveis. Por que às vezes uma pessoa chega pra outra ou uma mãe que chega pra um filho, um filho que nunca deu valor ao trabalho da mãe que trabalha num frigorífico, às vezes a mãe leva o filho no cinema e fala “tá vendo? Essa é minha vida”. Isso já aconteceu! (Caio Cavechini em entrevista à pesquisadora no dia 01 de março)



Indagado sobre o inusitado em todo o processo de produção do “Carne e Osso”, Cavechini expôs vários fatos que o marcaram como diretor. Um deles foi um festival na cidade de Gramado, onde sindicalistas trouxeram uma pessoa fantasiada de frango – que carregava outra em uma cadeira de rodas, justamente para mobilizar e chamar a atenção do público sobre o debate do filme. Porém, ele destacou também as próprias histórias retratadas no filme como inusitadas. Para ele a própria personagem Valdirene é inusitada, tendo em vista que está inválida e essa história não é de conhecimento público.

O diretor comenta sobre o documentário como objeto ativo no processo de mobilização social, seus alcances e objetivos. Para ele, um documentário não deve partir do pressuposto de ‘mudar o mundo’ e sim otimizar que cada indivíduo terá uma recepção pessoal sobre a realidade fílmica.

Eu acredito mais no poder individual. O bom documentário te faz olhar pra um mundo que você não viu, ou te apresentar uma realidade que você não viu, não somente no sentido informativo. Ele é sim um instrumento de mobilização social, mas acho que nem todo o documentário pode partir disso. O bom documentário ele sempre vai causar um impacto pessoal em alguém, vai fazer a pessoa olhar a realidade ou a própria vida de outra maneira. Se o documentário é bom você sempre sai diferente do que você começou a ver. (Caio Cavechini em entrevista à pesquisadora no dia 01 de março)

Após todas as mesas redondas, discussões, festivais, sindicatos em que o “Carne e Osso” percorreu, ele foi objeto de discussão no Senado para a criação de uma nova Norma Reguladora (NR) sobre a temperatura média a que devem ser submetidos os trabalhadores de agroindústrias. Caio ressalta sobre um estudo pós-documentário realizado pelo diretor Juliano Barros, com o intuito mais jornalístico do ‘ouvir os dois lados’. Esse estudo chamado “Moendo Gente”, produzido pela Ong Repórter Brasil deve ser publicado no site da Ong. Caio justifica o ‘não ouvir os dois lados’ no documentário, justamente pelo objetivo do documentário retratar histórias de trabalhadores nas agroindústrias e não justificar o problema desses trabalhadores. Segundo ele, não seria justo como diretor ‘fulanizar’ uma pessoa que fosse responder por todo aquele problema retratado no filme.



## **Os sujeitos e a recepção**

Os sujeitos desta pesquisa são trabalhadores de agroindústrias, previamente mapeados e contatados. Foram mapeadas 26 pessoas, sendo 16 moradores do loteamento Jardim do Lago, e 10 do loteamento Colina, ambos localizados no Bairro Efapi, em Chapecó.

O Bairro Efapi atualmente é composto por pessoas de baixa renda que em sua grande maioria, segundo a “Pesquisa para intervenção no bairro Efapi”, monografia do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unochapecó, de Jocenei Francisco Ramos (2007), sobrevivem do trabalho nas agroindústrias concentradas na região, além dos mais variados comércios e outras atividades, como a coleta de material reciclável. Os principais fatores de crescimento do Bairro Efapi são: a instalação de agroindústrias de maior porte e a instalação de uma Universidade. O último Censo (2010) realizado pelo IBGE registrou mais de 27.000 mil habitantes no bairro. Mesmo o bairro sendo grande, a pesquisa de Ramos indica que a infraestrutura é bastante precária, exceto no caso de energia elétrica e água que atinge 100% da população.

No decorrer de mapeamento do grupo focal procurou-se caracterizar o sujeito como: ex-trabalhador de agroindústria, aposentado por invalidez, com idade inferior a 40 anos. Entretanto constataram-se vários perfis dos sujeitos estudados, tendo em vista o mesmo problema e suas respectivas justificativas para o problema apresentado. Encontrou-se:

- Trabalhadores aposentados por tempo de serviço, por atividade rural e ainda trabalhando em agroindústrias com idade superior a 50 anos, maior incidência do sexo masculino.
- Trabalhadores de frigoríficos aposentados por tempo de serviço, com idade entre 50 e 62 anos, maior incidência do sexo masculino.
- Trabalhadores afastados das atividades de agroindústrias, com idade entre 30 a 42 anos, maior incidência do sexo feminino.
- Trabalhadores aposentados por invalidez permanente, com idade de 30 a 43 anos, equilibrada de ambos os sexos.

A partir do primeiro cine-fórum realizado com cinco dos sujeitos mapeados foi possível interpretar a recepção de cada sujeito, tendo em vista suas comparações, percepções e aproximação com a realidade fílmica retratada. Neste primeiro momento, da realização de um cine-fórum, foram selecionados dois perfis: ex-trabalhadores de agroindústrias aposentados por tempo de serviço e ex-trabalhadores aposentados por



invalidez permanente. Para evitar constrangimentos para os sujeitos que participaram do grupo focal suas identidades serão preservadas. Neste caso serão usados pseudônimos no relato da pesquisa.

- João Afonso, 55 anos, trabalhou 10 anos no Frigorífico Chapecó e está aposentado há 12 anos por tempo de serviço. João é casado com Marinês – que trabalhou 11 anos também no Frigorífico Chapecó no setor de estocagem. Ele no carregamento por oito anos e posteriormente passou ao cargo de encarregado do setor de produção.

- Marco Antonio, 57 anos, trabalhou 17 anos na Sadia e está aposentado há sete anos por tempo de serviço. Quieto e tímido Marco Antonio é casado com Maria Carolina. Começou no frigorífico trabalhando no carregamento, onde ficou por dois anos e depois 15 anos no abate de frangos.

- Maria Carolina, 53 anos, trabalhou 17 anos na Sadia e está aposentada há dois anos por tempo de serviço. Casada com Marco Antonio, dona Maria trabalhava no setor de abate de frangos e já fez uma cirurgia no joelho.

- Ira, 32 anos, trabalhou cinco anos na Sadia. Cinco anos afastada e está aposentada há um ano por invalidez permanente. MOTIVO: Coluna. Ira já fez três cirurgias na coluna, é casada e tem duas filhas uma de sete e a outra de 12. Trabalhava na linha de desossa.

- Antunes da Silva, 43 anos, trabalhou nove anos na Sadia e está aposentado há cinco anos por invalidez. MOTIVO: Pernas. Antunes trabalhava no setor de frangos, porém no abate. Foram oito anos e meio no mesmo setor. Acabou tendo uma paralisia em uma das pernas, teve de operar a coluna, entretanto recuperou apenas 20% dos movimentos do braço direito. Ele é casado e sua esposa trabalha no frigorífico há 17 anos.

Várias foram as temáticas abordadas pelos sujeitos no debate promovido após a exibição do documentário, tendo em vista a experiência filmica aliada à realidade por eles vivenciada. João Afonso disse ter ficado “espantado” com a questão da rapidez da linha de produção relatada no documentário, disse que na época em que trabalhou no setor, há 12 anos, a linha de produção não era tão acelerada. Diferente de Ira que comentou trabalhar nas mesmas condições retratada no documentário: “Eu desossava em 14 segundos uma coxa e uma sobrecoxa. Eu trabalhava naquela função ali. No desosse de perna. É que nem mostrou ali realmente”. João comentou que se o documentário “Carne e Osso” fosse exibido em convenções de preparação para futuros trabalhadores de agroindústrias, a metade ia embora. “Eu acho que esse filme se passasse quando tem integração, acho que a metade vai pra casa”.



Nesse sentido é revelador o depoimento de dona Maria: “Quando eu comecei em 94 eram abatidos 73 mil frangos por turno. Quando eu sai já eram mais de 110/112 mil”. Ela conta que trabalhou durante 10 anos separando miúdos, três anos classificando patinha, mais quatro anos na inspeção de carcaça. Para dona Maria:

O documentário mostra um pouquinho só do que é. For ver a realidade do dia a dia. Não tem exagero, é isso ali e muito mais. Dali pra pior. Não é fala mal, é falar a realidade. Quando eu sai de lá, eu já tava aposentada, mas eu já não tava trabalhando como antes, e daí até um dia eu falei pros meus colegas de serviço, há de ter um dia de alguém ver e tomar providência, porque tá muito archoado pro funcionário, eles exigem demais e pagam pouco. As pessoas tudo ali com dor, com sono, de dormir sentado. E daí tão sempre cobrando, sempre exigindo. (Maria Carolina em depoimento durante grupo focal realizado no dia 22 de março)

O descaso das indústrias para com os empregados doentes também foi discutido entre os sujeitos, Ira disse que por diversas vezes procurou o setor de saúde da empresa, porém foi tratada com o mesmo desprezo retratado no filme pela personagem Valdirene. Já dona Maria lembrou que procurava trabalhar mesmo com dor, justamente porque via outros colegas passando pela humilhação de ser insultado pelos profissionais da saúde. Esse tipo de situação também foi vivenciado por Antunes. Ele contou que precisou realizar cirurgia na coluna e necessitou antes do atestado da enfermagem da empresa, entretanto ele também frisou o descaso a que são submetidos os trabalhadores que adoecem e primeiro devem passar pelo ambulatório da empresa.

Maria trouxe para discussão a redução da velocidade na linha de produção quando são anunciadas fiscalizações. “Que nem ali no vídeo que uma pessoa falou, quando tem as auditorias que daí eles diminuem a velocidade, é verdade! Daí eles diminuem bem lentinho, pegam gente do outro turno pra ir lá ajudar. Quando têm as auditorias eles não veem, porque daí está tudo tranquilo”. Essa realidade também foi vivenciada por Ira que disse por várias vezes que os supervisores pediam para que diminuíssem a velocidade quando não chamavam trabalhadores de outros turnos a fim de diminuir significativamente a velocidade. O documentário relata várias histórias de personagens que ficaram com membros do corpo inválidos em virtude da atividade repetitiva ou em razão de acidentes. Conforme Ira tais acidentes são rotineiros e a



empresa pede para que não comentem fora do ambiente de trabalho o que acontece lá dentro.

Outra situação relatada no documentário “Carne e Osso” e vivenciada pelos sujeitos participantes do grupo focal, é relacionada às baixas temperaturas as quais os trabalhadores dos frigoríficos são submetidos. Marco Antonio e Antunes disseram que o frio piora a dor nas pernas, braços e coluna no inverno. Marco contou que em um dia de inverno ele pediu para o encarregado se poderia desligar o ventilador, ele respondeu que não porque os frangos poderiam morrer, então Marco disse que comentou: “Então vamos fazer assim: ou tu desliga ou eu paro de descarregar porque os frangos vão para o abate e eu sou vivente aqui, sofro, me dá problemas nas juntas. E foi o que aconteceu tive problema nas juntas do braço, no fim eu não podia nem lá dentro trabalhar mais de dor por causa do frio do esforço”.

A “sujeira” no local de trabalho, provocada pelo abate e corte de frangos, bovinos e suínos, evidenciada no documentário, foi comentada por Maria Carolina que frisou ser essa a realidade. Segundo ela, enquanto trabalhava tinha direito de trocar os aventais uma vez ao dia, e o resto do tempo ficava com os aventais e roupas sujas. Sobre a ginástica laboral, exigida por lei, Ira relata que não ocorria todos os dias e quando era realizada, os funcionários não podiam sair do local de trabalho, rapidamente paravam para fazer os exercício de alongamento e logo retornavam ao trabalho.

Assim como os personagens do documentário, Ira e Antunes foram afastados da empresa por apresentar problemas de saúde e quando retornaram ao trabalho, voltaram para o mesmo setor. Ira relatou que ficou por cinco anos afastada e quando voltou a colocaram na linha de produção novamente - o que agravou ainda mais o seu problema de coluna. Muitas vezes emocionada com a exibição do filme, Ira conta que faz tratamento com psicóloga e psiquiatra para justamente trabalhar a aceitação de ser tão nova e não ter condições de realizar nenhum tipo de esforço físico. Com 14 parafusos na coluna, duas hastes e dois conectores ela não trabalha mais, nem tampouco realiza as atividades domésticas.

Antunes revela que sua esposa, que há 15 anos trabalha no frigorífico, também já apresentou problemas de saúde, no entanto tem medo “de entrar em depressão por ser ainda nova”. Durante os cinco anos em que está aposentado por invalidez, Antunes teve que por duas vezes fazer tratamento psiquiátrico por estar com problemas com depressão.



Às vezes as pessoas, acham que a gente não tem nada. Ah, tá aposentado, é vadio. Mas se eu caminhar mais de um quilômetro já começo arrastar a perna, se eu começar a fazer qualquer atividade como braço, perco a força. Qualquer coisa que eu comece a fazer em casa, já não consigo mais. (Antunes em depoimento durante grupo focal realizado no dia 22 de março)

Dos cinco sujeitos estudados, nesta primeira etapa da pesquisa, três tiveram problemas e necessitaram de um tempo de afastamento, e todos foram unânimes quando disseram sentir-se “abandonados” pela empresa, porque nesse período não receberam nenhum apoio moral, nenhuma visita ou manifestação de preocupação, apenas Maria Carolina disse ter recebido visita domiciliar, entretanto conforme ela era apenas para saber se não estava realizando nenhum tipo de trabalho em casa que pudesse agravar ainda mais o problema.

Ira pontuou na discussão, o aumento de salário para os funcionários novos, assim como ela, dona Maria e Antunes disseram ter presenciado tal situação. Segundo Ira, os supervisores afirmavam ter que incentivar os novos para que permaneçam, tendo em vista que os “mais velhos” já estavam acostumados com o trabalho.

### **Considerações finais**

Tendo em vista que o principal objetivo desta pesquisa é estudar o documentário como objeto de mobilização social, partindo do pressuposto que cumpre o seu papel na sociedade como mídia cidadã, pode-se chegar a algumas considerações ainda iniciais, já que a pesquisa não foi finalizada e os dados ainda são parciais. Será realizado mais um cine-fórum com outros trabalhadores e ex-trabalhadores e após o grupo focal, algumas entrevistas individuais, após a análise mais detalhada dos resultados.

A partir do primeiro grupo focal, relatado neste artigo, é possível considerar que os indivíduos estudados no decorrer desta pesquisa, ou seja, os trabalhadores de agroindústrias em Chapecó conseguiram fazer acepções individuais do documentário, trazendo para a sua realidade, tendo em vista o seu cotidiano e a sua experiência de vida. Em várias situações os sujeitos se identificaram com os personagens apresentados no filme, viram projetadas as suas vidas e de pessoas que conhecem. Eles demonstraram essa relação e identificação não apenas nos relatos e desabafos verbais, mas também nas



expressões corporais durante a exibição do filme, sinais assertivos com a cabeça e na emoção manifestada.

Como objeto de pesquisa o documentário pode contribuir para compreender melhor a relação do audiovisual com a mídia cidadã – aquela que oportuniza o sujeito a cumprir o seu papel de cidadão. Suas observações, aproximação e comparação com a realidade fílmica já provocam por si só uma mobilização intrapessoal de cada sujeito. Se levado em consideração as asserções sobre o mundo ou “o mundo” que Ramos cita em seu livro sobre documentário, cada sujeito realizou a sua asserção sobre o mundo, partindo de um problema comum entre os envolvidos.

Fernão Ramos argumenta que o discurso do filme documentário é identificado por apresentar uma história contada através de imagens e asserções relacionadas com a realidade retratada. Outro ponto importante a mencionar, é a ética e sua relação com a definição desse gênero. Para o autor a definição do campo documentário não deve veicular-se a qualidade de verdade, realidade ou de objetividade. Portanto, tornar essas asserções sobre o mundo um instrumento de mobilização social é outro parâmetro a ser estudado. O que se pode concluir é que cada indivíduo dentro da sua sociedade, junto da sua bagagem e suas asserções são capazes de inquietar a sociedade a fim de tornar público aquele problema que é comum entre todos. O “se assistir” no documentário foi papel fundamental para realizar essas asserções, sabendo que cada personagem trouxe a sua história de vida – que se compactua com a realidade de muitos dos sujeitos dessa pesquisa.

Por fim, importante salientar que esses conceitos e essa relação entre mídia cidadã e o gênero documentário há de ser compreendida e estudada ainda nesta pesquisa, sendo fundamental para isso os resultados das entrevistas individuais e o aprofundamento das análises.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BUENO, F. da S. Grande **dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Lisa, 1998.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. **Grupo Focal**. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.



GOLDSCHMIDT, Ilka; TORRESCASANA, Mariângela. **Mídia e cidadania: complexidade, impasses e desafios.** Projeto de Pesquisa de Longa Duração apresentado à Vice-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNOCHAPECÓ em maio de 2010.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. Os estudos de Recepção Nos Últimos Trintas Anos: revisão e perspectivas. **XI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**, Rio de Janeiro, mai. 2009.

GUEDES, Enildo Marinho. **Curso de Metodologia Científica.** Curitiba, 1997.  
LABAKI, Amir. **Introdução ao Documentário Brasileiro.** São Paulo: Francis, 2006.

LINS, Consuelo. **Filmar o real: Sobre o Documentário Brasileiro Contemporâneo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LUCAS, João F. ODONI, Perin. **Os limites entre a realidade e a ficção sob a lente de Jorge Furtado.** Chapecó, 2005.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas: Papyrus, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?.** São Paulo: SENAC, 2008.

RAMOS, Jocenei Francisco. **Pesquisa de intervenção no bairro Efapi.** Monografia apresentada ao curso de Arquitetura, Unochapecó, 2007.

SILAS, de Paula. **Estudos culturais e receptor ativo** In: RUBIM, Antônio Albino Canelas et al. **Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos.** Petrópolis: Vozes, 1998.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (Org.) **Documentário no Brasil: tradição e transformação.** São Paulo: Summus, 2004.

ZANDONADE, Vanessa e FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**, 2003. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>, acessado em 01/06/2012.

